



Impacto dos medicamentos anticonvulsivantes desenvolvimento cognitivo em crianças com epilepsia: uma revisão sistemática

AUTORES: Paola Polis Vargas; Isabela Bettu Bini; Gustavo de Oliveira Morais; Bianca Viana Saito Becker; Larissa Pelissaro Zanluca; Mariana Oliveira da Silva; Eduarda Luza; Beatriz Matieli Reina de Moura; Rafael Frizzo Favero;

NOME DAS INSTITUIÇÕES: Universidade Federal do Rio Grande; Universidade do Planalto Catarinense; Universidade Federal do Paraná; Universidade da Região de Joinville; Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande

INTRODUÇÃO:

A epilepsia é uma das doenças neurológicas crônicas mais prevalentes na infância, com impacto significativo no desenvolvimento neuropsicomotor e na qualidade de vida. O tratamento principal, com uso de anticonvulsivantes, é eficaz no controle das crises, porém pode estar associado a efeitos adversos cognitivos e comportamentais, afetando atenção, memória, linguagem e desempenho escolar.

OBJETIVO:

Avaliar os efeitos cognitivos e comportamentais de anticonvulsivantes em crianças diagnosticadas com epilepsia, a fim de orientar estratégias clínicas mais seguras, baseada em evidências científicas atuais.

METODOLOGIA:

Revisão sistemática, baseada no PRISMA. A busca foi realizada na base PubMed com os termos de busca "Epilepsy" AND "Anticonvulsants" AND "Child" AND "cognitive function", incluindo ensaios clínicos randomizados e estudos observacionais retrospectivos publicados entre 2006 e 2026, encontrando-se 46 artigos. Excluiu-se artigos duplicados e tangentes ao tema. Após triagem, cinco artigos foram selecionados para compor a revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Um estudo prospectivo avaliando o uso de canabidiol (CBD) de grau farmacêutico em crianças com epilepsia resistente ao tratamento demonstrou que, apesar dos riscos de atraso no desenvolvimento associados às crises frequentes e à politerapia, o CBD como terapia adjuvante apresentou perfil de segurança favorável a longo prazo (1 ano), permitindo controle das crises sem prejuízo cognitivo ou adaptativo.

Em 2007, Kang et al. analisaram o Topiramato (TPM) e a Carbamazepina (CBZ) como monoterapia em crianças com cognição preservada e observaram que, embora eficaz, o TPM esteve associado a maior risco de comprometimento cognitivo, especialmente em funções do lobo pré-frontal, efeito reduzido com doses mais baixas e que exige monitorização acadêmica. Em 2008, um estudo com seis crianças com epilepsia benigna mostrou que o sultiam controlou as crises, porém com prejuízos em leitura, memória, atenção e matemática. Já em 2006, Pérez-Álvarez et al. avaliaram 35 pacientes pediátricos e verificaram que o topiramato não piorou a cognição em seis meses e promoveu melhora em planejamento e comportamento após 12 meses, sugerindo maior influência da epilepsia no déficit cognitivo. Por fim, um estudo com 92 jovens (8–18 anos), utilizando o P300, evidenciou lentidão cognitiva agravada por crises parciais ou uso de carbamazepina, indicando impacto tanto da doença quanto do tratamento.

CONCLUSÃO:

Nesse sentido, para um manejo adequado da epilepsia infantil, é essencial ir além do controle das crises, priorizando a preservação do desenvolvimento neuropsicomotor. A escolha terapêutica deve equilibrar eficácia e efeitos adversos, com abordagem individualizada para minimizar prejuízos e garantir melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS:

